

TRABALHO Pela 1ª vez desde o final de 2002, aumento de vagas com carteira assinada supera o das informais; renda, porém, ainda é 7% menor

Emprego melhora, mas não recupera perdas

MARCELO BILLI
DA REPORTAGEM LOCAL

Os brasileiros têm um motivo diferente para comemorar o 1º de Maio neste ano: a recuperação econômica chegou ao mercado de trabalho. O desemprego diminuiu, o trabalho formal cresceu e a renda deu os primeiros sinais de recuperação. Neste ano, pela primeira vez desde o último trimestre de 2002, o emprego formal cresceu a taxa maior do que a do informal, que encolheu.

Os ganhos até agora não deixam para trás o longo período de perdas que, desde os anos 90, assolaram o mercado de trabalho. "As perdas foram grandes. O mercado de trabalho começou a se desestruturar já nos anos 80. O processo foi ainda pior nos anos 90", diz o economista Paulo Baltar, do Instituto de Economia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), citando as tendências de todo esse período: maior informalidade, perda da renda, crescimento do desalento e aumento da desigualdade salarial.

Desde o segundo semestre de 2004, no entanto, sinais de melhora apontam para o que analistas dizem poder ser uma virada do mercado de trabalho — a taxa de desemprego medida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) caiu de 12,8% em março do ano passado para 10,8% em março deste ano. Virada, alertam os mesmos analistas, que vai depender de a economia brasileira continuar crescendo. "Eu sou um otimista condicional. Se não houver nenhum tropeço, o cresci-

mento deve continuar", afirma Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Neri ressalta que não há precedentes, nos últimos 15 anos, para a criação de vagas formais no mercado de trabalho. Foi 1,5 milhão em 2004, mais do que o 1,2 milhão do ano 2000. Neste ano, foram 292 mil vagas no primeiro trimestre. O número de empregos criados nos 12 meses terminados em março chega a 1,4 milhão, velocidade parecida com a atingida no ano passado.

A PME (Pesquisa Mensal de Emprego) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostra que, pela primeira vez desde o último trimestre de 2002, o emprego formal cresceu mais depressa que o informal. O emprego com carteira assinada cresceu 1,45% entre janeiro e março, comparado com o último trimestre de 2003. No mesmo período, os números de empregados sem carteira e por conta própria caíram 5,6% e 2,1%, respectivamente. Uma tendência que, caso se mostre duradoura, pode reverter o quadro de crescimento da informalidade que vigorava até meados do ano passado.

Perdas

"Começa a haver uma tentativa de tendência de recuperação, de aumento do grau de formalidade. Esse é o caminho, mas é claro que vai demorar para recuperar as perdas da década de 90", avalia Marcelo de Ávila, pesquisador do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

Ávila aponta para outro indicador da reversão do processo de deterioração no mercado de trabalho. No segundo semestre de 2003, praticamente todo o saldo líquido de admissões e demissões era formado por vagas que pagaram até um salário mínimo, diz. No segundo semestre de 2004, a proporção caiu para 70%, ou seja, 7 em cada 10 vagas pagavam até um mínimo. "Ainda é um número muito grande, mas é menor do que o de 2003 e mostra tendência de melhora. Em termos líquidos, há criação de vagas com melhor qualidade, com salário um pouco maior e no setor formal", diz.

O coordenador da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, Cimar Azeredo Pereira, diz que o mercado de trabalho esboça um processo de recuperação: primeiro ocorre aumento da ocupação, mesmo que com empregos informais, depois começa um processo de formalização e, por último, a recuperação da renda.

A renda, por enquanto, é o que mais preocupa os analistas. Em março, o rendimento real nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PME foi de R\$ 945,20, um aumento tímido, de 1,7%, em relação a março de 2004. A perda em relação a, por exemplo, dezembro de 2002 é ainda de 7%, resultado do estrago causado pela paralisação econômica de 2003. "O ano de 2003 foi de aperto monetário muito forte, com continuidade do processo de deterioração [no mercado de trabalho]", diz Ávila.

→ LEIA MAIS sobre trabalho e 1º de Maio às págs. B3 a B6, B11 e B13

SÓ VAGA FORMAL CRESCE NO 1º TRIMESTRE

Taxa de crescimento do número de pessoas ocupadas, por tipo de ocupação, em %

